



Voz da Fátima

Director: Padre Luciano Guerra • Santuário de Nossa Senhora de Fátima • Publicação Mensal • Ano 80 - Nº 950 - 13 de Novembro de 2001

Propriedade
Fábrica do Santuário de Nossa Senhora de Fátima
AVENÇA - Tiragem 118.000 exemplares
NIPC: 500 746 699 - Depósito Legal N.º 163/83

Redacção e Administração
Santuário de Fátima - 2496-908 FÁTIMA
Telefone 249 539 600 - Fax 249 539 605
e.mail: sesdi@santuário-fatima.pt

Composição e Impressão
Gráfica de Leiria
Rua Francisco Pereira da Silva, 23
2410-105 LEIRIA

Assinaturas Individuais
Território Português e Estrangeiro
400\$00 (anual)
Preço avulso: 50\$00



Novembro, mês da vida eterna

Quem diria que neste início do terceiro milénio tanta gente voltaria a dar sinais de ligar importância aos seus anelos de vida eterna? Eterna ou, como quem diria mais simplesmente, uma vida depois da morte. Por mais evidência que a morte pareça apresentar de que é mesmo o fim da experiência maravilhosa que faz cada ser humano da realidade de existir... por mais cru que se nos apresente o facto de que o nosso corpo se desfaz completamente, em qualquer circunstância... e mais, que a imensa maioria dos mortais não tem nunca, não teve nunca, a mínima experiência da «sobrevivência» de qualquer um dos inumeráveis humanos que o ou a precederam, e portanto por mais claro que seja, aos olhos de todos os nossos sentidos, e de todas as nossas visões interiores, que nos está vedada qualquer experiência do além-túmulo, antes de morrer-mos... e por mais que a inteligência e o raciocínio de uns quantos ou muitos intelectuais usem continuar a dizer que «sabem», de saber «científico» (e muito «razoável», diga-se de passagem), que não há nada para além da morte senão a própria morte, o certo é que persiste neste mundo, não diremos altamente mas já tão largamente experimentado, a suspeita de uns, a convicção de outros e a fé da maioria, de que alguma luz continua a brilhar para o ser humano quando ele ultrapassa a escuridão da morte. Seja que o ser humano ressuscita, com corpo e tudo, logo a seguir ou muito tempo depois; seja que o seu espírito se desprende da matéria e vai de novo incarnar num ser qualquer, ou faz que o corpo se transfigure sem ser preciso deixar o túmulo em que o sepultaram; seja que tudo aconteça no mesmo corpo ou só na alma ou nos dois ao mesmo tempo, ou nos dois em tempos diferentes, certo é que a humanidade não tem cessado, e pelos vistos não cessará, de se interrogar muito seriamente, e de muito seriamente ir buscando respostas para este enigma, que a não deixa desde há longos milénios. Digam o que disserem os chamados espíritos fortes, entre os quais, aliás, tantos se reconhecem humildemente tão desarmados como os mais fracos, o problema do além-túmulo vai continuar a ocupar um lugar importante nas nossas indagações e na nossa fé. Tudo se passa como se, apesar de tantos progressos técnico-científicos, não tendo ainda conseguido o homem e a mulher do terceiro milénio a energia suficiente para «matar a morte», e devendo por isso contentar-se com toda uma série de sujeições, como o nascer, o alimentar-se, o descansar, o adoecer e o morrer, que os conduzem precisamente à morte, também não tem que envergonhar-se de continuar convencido de que vale a pena abrir-se à ideia original de que alguma coisa pode haver de diferente, a partir da grande passagem do tempo presente para o tempo do futuro. Digam os cépticos que o ser humano está cedendo a uma ilusão profunda, o ser humano deste terceiro milénio responde que entre tantas ilusões esta será de todas a que tem mais direito a persistir. Porque é a única que o liberta da única opressão de peso, a opressão da morte, a opressão da enorme parede da decomposição e do deixar de existir. O único caminho para que o ser humano acredite que a vida temporal não é uma ilusão, é acreditar que ela vai continuar na vida eterna. Ou as duas são ilusórias ou as duas são verdadeiras. Até porque ambas lhe são sugeridas pelos mesmos instrumentos de conhecimento. A diferença é que noutras visões ou previsões do futuro a experiência é possível, enquanto que para experimentar o além-morte é mesmo necessário morrer antes!

Neste mês de Novembro a Igreja celebra a vida dos mortos depois da morte. Dos que alcançaram o seu fim em plenitude, um fim a que chamamos Céu, dos que passam ainda pelas dores da purificação, no Purgatório, ou dos que continuam arrastando, na eternidade, o ódio que os conduziu na terra.

Concedamos que há nestes caminhos da fé muito mistério por investigar, e que são bem escassas as fontes de iluminação. Mas esta é a nossa fé quando proclamamos: «Creio na ressurreição da carne e na vida eterna». S. Paulo, talvez sem se dar conta de que a escassez das ideias o conduzia a aparente contradição de termos, num grande esforço de explicação, escreveu aos Coríntios: «semeia-se no túmulo um corpo corruptível e ressuscita um corpo incorruptível, um 'corpo espiritual'». (Catecismo da Igreja Católica, n.1017). Os novíssimos são um ponto sempre presente na mensagem de Fátima. Oremos pelos vivos e pelos mortos, segundo a oração ensinada por Nossa Senhora na aparição de Julho: «Levai as almas todas para o Céu».

□ P. LUCIANO GUERRA

FÁTIMA, TERRA DE PAZ

Milhares de peregrinos rezaram pela paz na Cova da Iria



O Santuário de Fátima, nos passados dias 12 e 13 de Outubro, acolheu a última Peregrinação Internacional Aniversária do primeiro ano do novo milénio.

Já no dia 11, quinta-feira, os peregrinos a pé foram acolhidos, às 15h00, na Casa de Nossa Senhora das Dores, num encontro promovido pelo Santuário, ao qual se seguiu a celebração da Eucaristia, pelas 18h30, na Basílica.

Dia 12

Na sexta-feira, pela manhã, foram celebradas na Capelinha, de hora em hora, missas em línguas estrangeiras até às 14h30, enquanto que as missas em português eram celebradas na Basílica. Como habitual, às 08h30 celebrou-se a Via Sacra nos Valinhos. Na parte da tarde, com a participação dos doentes, celebrou-se a Eucaristia, às 16h30, na Colunata Norte.

Pelas 17h30, realizou-se a Procissão do Santíssimo, mas a afluência dos peregrinos era pequena. No

início eram poucos, mas assim que a Procissão se iniciou, de todas as entradas, começaram a afluir grupos de peregrinos que se incorporaram na procissão fazendo que tivesse toda a extensão do Santuário.

Após a Procissão do Santíssimo, a atenção voltou-se para a Capelinha das Aparições, pois ia dar-se início à abertura oficial da Peregrinação Internacional Aniversária de Outubro, com a saudação a Nossa Senhora e a apresentação do Presidente da Peregrinação. Esta celebração foi presidida pelo Bispo de Leiria-Fátima, D. Serafim Ferreira e Silva, o qual apresentou Sua Eminência o Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. José da Cruz Policarpo (que chegava do Sínodo dos Bispos em Roma), como Presidente da Peregrinação Internacional Aniversária de 12 e 13 de Outubro.

Assim que os sinos começaram a repicar, anunciando o início das celebrações, os fiéis acorriam e começavam a encher o recinto de oração. Estimamos que na recitação do terço, procissão de velas e

concelebração eucarística estariam presentes cerca de 70.000 pessoas. Estas cerimónias foram presididas pelo Cardeal-Patriarca e concelebradas por 4 bispos, 265 presbíteros e 10 diáconos. Estavam inscritos no Serviço de Peregrinos cerca de 100 grupos organizados de 23 países, provenientes da Europa (maioria), da América do Norte, da África e da Ásia.

A homília que Sua Eminência proferiu centrou-se no papel de Nossa Senhora como medianeira da Paz, pois na mensagem que deixou na Cova da Iria, Ela manifestou uma grande preocupação face à guerra e pediu a recitação diária do terço como meio para alcançar a paz para Portugal e para o mundo. D. José Policarpo comunicou, ainda na homília, aos peregrinos presentes que tinha uma mensagem do Santo Padre para eles; «o Santo Padre quando lhe disse que vinha para Fátima, disse-me: 'rezem pelo êxito do Sínodo dos Bispos e pela paz no mundo'».

(Continua na pág. 5)

Mensagem a Sua Santidade Papa João Paulo II

Milhares de peregrinos vindos de muitas nações, na celebração festiva de 13 de Outubro passado, no Santuário de Fátima, presidida por Sua Eminência o Senhor Cardeal D. José da Cruz Policarpo, Patriarca de Lisboa, concelebrada por 10 Bispos, entre os quais D. Stanislaw Nowak, Bispo de Czestochowa, e D. Jacques Perrier, Bispo de Tarbes e Lourdes, e 400 presbíteros, delegaram no bispo local a missão de manifestar a Sua Santidade o Papa João Paulo II todo o apreço pelo seu magistério e pelas viagens apostólicas, como as recentes visitas ao Casaquistão e à Arménia.

Todos os peregrinos aplaudiram a proposta de saudar Vossa Santidade, pelo que aqui estamos a cumprir religiosamente esse voto, manifestando to-

da a nossa gratidão e admiração e rezando pela saúde e intenções do Papa, nomeadamente o bom fruto do Sínodo dos Bispos e a paz no mundo.

O Bispo de Leiria-Fátima faz os mesmos votos e reza pelas mesmas intenções.

No dia de hoje, em que celebramos o 23.º aniversário da eleição de Vossa Santidade ao Pontificado Romano, queira aceitar as nossas filiais saudações de júbilo e homenagem.

Que Deus o abençoe e que Nossa Senhora de Fátima proteja Vossa Santidade.

Fátima, 16 de Outubro de 2001

† D. Serafim de Sousa Ferreira e Silva
Bispo de Leiria-Fátima

MEMÓRIAS

Peregrinando pela Diocese de Benguela de 1 de Agosto a 1 de Setembro de 1974.

DOMBE GRANDE – Nunca ninguém esperou que em frente ao Clube recreativo se juntasse tanta gente de todas as etnias, para receber a Senhora.

As cerimónias da Baía Farta repetiram-se aqui, mas aqui a procissão percorreu um percurso muito mais longo, e a mole de gente era incomparavelmente maior. Por este motivo a concelebração eucarística teve de fazer-se no vasto recinto do cinema ao ar livre. Aqui mesmo se fez a consagração da missão a Nossa Senhora.

À noite, na capela de S. Francisco Xavier, houve terço meditado. No dia seguinte nova concelebração eucarística pelos Revs. Padres Cidalino, Rocha e Boaventura, e à tarde, pelas 15 horas, Dombe Grande despediu-se da Virgem, que seguiu para Caimbambo. O carro com a imagem ficou cheio de ramos de flores. E foi assim entre flores, que a imagem partiu.

BAMBI – Devidamente preparada por um tríduo de pregação pelo Pe. Cornélio Bento, da Missão da Ganda, o povo desta Missão foi esperar a imagem de Nossa Senhora a 1 quilómetro da igreja. Como já era tardinha, organizou-se uma procissão de velas, que terminou na igreja com a recitação do terço, e uma velada de adoração ao Smo. Sacramento, durante toda a noite.

No dia seguinte, às 8.30 horas, houve concelebração eucarística, presidida pelo Pe. Cornélio Bento, e em que tomaram parte os Revs. Padres Rocha e Camutáli, tendo pregado o Rev. Cornélio Bento. Antes da partida de Nossa Senhora, foi-lhe consagrada esta Missão.

Não há memória de cerimónia tão concorrida nesta Missão! Os cristãos e até ao não cristãos, acorreram em multidão.

Em conversa com o Padre Feliciano da Diocese de Benguela, que tem estado aqui no Santuário, soubemos que a Missão Católica do Bambi tinha sido destruída por completo, arrasada totalmente. Foi com bastante tristeza que recebemos a notícia, mas o pior que lhe aconteceu, foi que o Rev. Padre Júlio, um missionário exemplar e responsável por aquela Missão, tinha sido preso em 1978 e até hoje nunca mais ninguém soube do seu paradeiro, após ter sido raptado. Mais um mártir dos nossos dias. A Missão continua deserta e sem assistência religiosa.

P. Ramos da Rocha

Os pastorinhos e o pecado

«Foge do pecado, como se foge de uma serpente» (Bem Sirá 21, 2).

Os pastorinhos de Fátima viam este espírito. Dois motivos os levavam a «fugir» do pecado: o temor e o amor.

Reflectamos no primeiro aspecto. Diz o mesmo livro da Sagrada Escritura: «O temor do Senhor é sabedoria e instrução» (Bem Sirá 1, 27).

Este temor pode provir da antevisão dos castigos do inferno no outro mundo e neste da preocupação da guerra. Por isso a Jacinta exclamava:

«Que pena, se deixassem de ofender a Deus, nem vinha a guerra nem iam para o inferno!».

Desde crianças foram os três videntes educados neste espírito.

Conta Lúcia que ainda antes das aparições certo pequeno acusou um colega de ter proferido palavras menos dignas. «Minha mãe – continua a vidente – repreendeu-o com toda a severidade, dizendo que aquelas coisas feias não se diziam. Que era pecado e que o Menino Jesus se desgostava e mandava para o inferno os que faziam pecados e não se confessavam».

Refere também a vidente que havia no lugar de Aljustrel uma mulher que, quando estava mentalmente transtornada pelo excesso de álcool, não se coibia de proferir palavras vergonhosas.

A Jacinta, na sua candura comentava: «Diz tantos pecados que, se não se confessa, vai para o inferno».

Lúcia chegou a pensar negar a verdade das aparições para se ver livre de incompreensões, escárnio e até castigos, motivados pela divulgação dos prodígios de que era protagonista.



Os dois primos intervêm: «Não faças isso! Não vês que agora é que tu vais mentir e que mentir é pecado!».

No tempo das aparições parquiava a freguesia de Fátima o Padre Manuel Marques Ferreira (1880-1945). Com o seu ardoroso zelo desencadeou uma campanha pastoral contra os bailes e danças. Lúcia comenta: «Minha mãe, desde ouviu o bom pároco falar assim, proibiu as minhas irmãs de ir a tais divertimentos... A alguém que dizia à minha mãe: – Mas até aqui não era pecado bailar, e agora, porque veio um Pároco novo, já é pecado? Como são essas coisas?»

– Não sei – respondeu minha mãe – o que eu sei é que o senhor Prior não quer que se baile e portanto as minhas filhas não voltam a esses ajuntamentos».

O pecado não é só punido na outra vida, mas também nesta.

Deus não quer a guerra mas permite-a, quando os homens a provocam. Mas se houver emenda de vida e oração, toca nos corações dos homens e poupa-nos aos rigores da sua justiça.

Na terceira aparição, avisou Nossa Senhora:

«A guerra vai acabar, mas, se não deixarem de ofender a Deus, começará outra pior. Quando vierdes uma noite alumiada por uma

luz desconhecida, sabeis que é o grande sinal que Deus vos dá de que vai punir o mundo de seus crimes, por meio da guerra, da fome e de perseguições à Igreja e ao Santo Padre».

Jacinta, acabrunhada pelo futuro calamitoso que ela conhecia, quando lhe perguntavam o motivo da sua preocupação, respondia que estava a pensar «nessa guerra que há-de vir, em tanta gente que há-de morrer e ir para o inferno. Não-de ser arrasadas muitas casas e mortos muitos padres».

Efectivamente a 1 de Setembro de 1939 começou a segunda guerra mundial muito pior que a primeira e que se prolongou até Maio de 1945.

Quanto a Virgem predisse, tudo se verificou: a guerra assoladora, milhares ou milhões de mortos à fome, número incalculável de mártires, entre os quais numerosos sacerdotes, perseguições à Igreja movidas pelos regimes ateus marxistas, peso enorme de sofrimento a oprimir os sucessivos Vigários de Cristo.

Razão tinha a Jacinta para afirmar: «As guerras não são senão castigo pelos pecados do mundo».

A 1 de Dezembro de 1940, escrevia a sobrevivente dos Pastorinhos:

«O Coração do nosso bom Deus e da nossa boa Mãe do Céu continuam tristes e amargurados. Portugal, na sua maioria, não corresponde às suas graças e ao seu amor. Lamentam-se com frequência da vida pecaminosa da maioria do povo, mesmo daqueles que se dizem católicos... Nosso Senhor desejava salvar Portugal, mas ele é também muito culpado».

Esta apreciação, feita há 61 anos, ainda terá razão de ser nos nossos dias? Como pagamos tantas graças e benefícios com que Deus nos tem cumulado? Teremos tomado a sério a mensagem de Fátima? Teremos posto em prática as recomendações com que a branca Senhora se despediu de nós na última aparição: «É preciso que se emendem e que peçam perdão dos seus pecados. Não ofendam mais a Deus Nosso Senhor que já está muito ofendido»? Oxalá a resposta pudessem ser afirmativa.

Padre Fernando Leite

“Pedi a Nossa Senhora e o aborto não foi feito”

«Há uns anos estive em Fátima e fui à basílica do Santuário, onde visitei os túmulos da Jacinta e do Francisco. Pedi aos videntes e a Nossa Senhora que o meu filho mais velho se confessasse, pois havia alguns anos que isso não acontecia. Agradeço-lhes por me terem concedido a graça que pedi.» Anónima

«Agradeço sinceramente a Nossa Senhora a grande graça que fez a uma pessoa da minha família.» V. R. – Amadora

«Agradeço a cura de um problema de saúde, uma grande dor no ombro esquerdo.» J. F. – Cepelos, Vale de Cambra

«Há três anos fui abalada pela terrível doença do cancro. Hoje graças a Deus, clinicamente estou curada. No ano passado uma cunhada minha estando grávida e cheia de alegria, o médico disse-lhe que tinha de fazer um aborto, pois o bebé era deficiente. Pedi, então, muito a Nossa Senhora, ao Francisco e à Jacinta, tendo prometido ir a Fátima agradecer. O aborto não foi feito e hoje temos uma sã e linda menina.» M. C. R. C. – Vila Nova de Famalicão

«Em Abril de 1995 fui operada a um peito devido um cancro e fiquei sempre em tratamento. Em Ju-

lho do ano passado, depois de ter feito vários exames foi-me dito que tinha 4 nódulos no fígado derivado à quimioterapia. No meio disto tudo prometi a Nossa Senhora, por meio do Beato Francisco que se eu fosse curada, tornava-me assinante do jornal 'Voz da Fátima' e que rezava o terço todos os dias, o que estou a fazer.

Graças a Deus, fui ouvida no passado dia 12 de Fevereiro. Fiz novos exames e não acusou nada. Tenho o fígado sem nenhuma lesão. Estou curada, restando-me agradecer todos os dias da minha vida esta graça recebida de Nossa Senhora.» A. M. – Viana do Castelo

Fátima dos pequeninos

NOVEMBRO 2001
Nº 252



Olá, meus amigos!

Já em Novembro e o tempo a ficar um pouco mais frio, a indicar-nos que o inverno não está longe, começamos também já a sentir algum cansaço. Dois meses de aulas ainda não é muito mas... «nunca mais chegamos ao Natal», começam a dizer alguns. E, neste mês, eu queria lembrar-vos uma coisa muito séria que nos deixou, numa carta, o Apóstolo S. Paulo. Ele diz-nos: «quem não quiser trabalhar, também não coma» (Tess 3, 10).

Imaginem que se levava isto a sério e que não se dava de comer a quem fosse preguiçoso ou não quisesse trabalhar. Bonito serviço! Mas foi S. Paulo que o disse e o deixou escrito, para todos os cristãos,



porque ouviu dizer que havia muitos que só queriam comer enquanto que os outros trabalhavam sem se preocuparem por trabalhar também.

Também nós temos que analisar, até que pon-

to nos esforçamos por “merecer” o pão que comemos, que é como quem diz, se fazemos o que devemos fazer, se damos o nosso contributo fazendo a nossa obrigação. Porque, sabem, a preguiça é uma doença que dá em todas as idades e cria habitação. Por isso temos que lutar contra ela antes que ela tome conta de nós. O frio que agora começa, até nos pode ajudar a lutar contra a preguiça. Já perceberam como, não já?... E, depois nós temos tantos amigos a mostrar-nos que vale a pena lutar, esforçar-se por fazer as coisas que custam: os Pastorinhos de Fátima, Luís Gonzaga, Inês, Maria Goretti... que com a sua vida continuam a acenar-nos para o que vale mesmo a pena, mesmo se custa!...

Nossa Senhora de Fátima pediu aqui, tantas vezes, que fizéssemos isso mesmo! – Olhando para Ela, que é a nossa Mãe, peçamos-lhe que nos ensine a lutar contra essa doença da preguiça que tantos nos impede de subir e de crescer para Deus.

Vá, lá, coragem!

Até ao próximo mês, se Deus quiser!

Ir. M.ª Isolinda, m.r.

LEGIONÁRIOS COM "ARMAS DA SANTIDADE"

Peregrinação Nacional da Legião de Maria ao Santuário de Fátima, no ano em que comemora o seu 80.º aniversário

Um "mar" de legionários, "com Maria fizeram-se ao largo". Eram cerca de 8 mil os membros da Legião de Maria que, no último fim de semana de Outubro, se reuniram no Santuário de Fátima, em Peregrinação Nacional, no ano em que a Legião comemora o seu 80.º aniversário.

O mau tempo que se fez sentir, particularmente no domingo, obrigou a que se refugiassem nas colunatas e no alpendre da Capelinha para a celebração da eucaristia, que foi presidida por D. Armindo Lopes Coelho. Durante a homilia, o prelado lembrou aos presentes a "urgência de procla-

mar a Boa Nova da Salvação aos homens e às mulheres do nosso tempo".

Fazendo referência aos horizontes traçados pelo Concílio Ecuménico Vaticano II, o bispo do Porto lembrou que "a Virgem está intimamente ligada à Igreja", uma vez que ela foi "o modelo que antecipou e antecedeu a Igreja". Advertindo contra o perigo de "se sentirem servos inúteis, fracos e feridos por traumas experimentados em ambientes indiferentes e hostis", o prelado incentivou: "Lançai a rede mais ao largo, e sempre de novo! Para isso, revesti-vos das armas da santidade como exemplo e atractivo para a santificação

dos outros, a exemplo de Maria".

D. Armindo Coelho terminou com a certeza de que "os membros da Legião de Maria, têm Maria em sua casa, no seu coração e no seu apostolado".

Fundada por Frank Duff e um grupo de jovens em Dublin, na Irlanda, a Legião tem actualmente em Portugal, cerca de 37 mil membros e está presente em 18 dioceses. Os legionários privilegiam a dimensão pastoral e social. É um movimento de Evangelização ao serviço da Igreja, cuja espiritualidade assenta na doutrina do Corpo Místico e na Maternidade de Maria.

Ó SENHORA DA AZINHEIRA, PERCORREI A TERRA INTEIRA



Queremos manifestar o nosso agradecimento pelas respostas ao apelo, aqui feito, para que os leitores nos enviem notícias do culto de Nossa Senhora de Fátima, no mundo inteiro. Gostaríamos de ir publicando essas notícias, mas não nos tem sido possível. Se pudermos, iremos respondendo brevemente, pelo correio.

Contrariamente ao que prometemos, na "Voz da Fátima" de Setembro, não continuamos, neste número, a dar notícias dos países do continente africano, mas apenas as mais recentes, relacionadas com o culto em Portugal, Alemanha e França.

Portugal e Alemanha

A Irmã Maria da Encarnação Vieira Esteves, das Reparadoras de Nossa Senhora das Dores de Fátima, entregou-nos recentemente, para juntarmos à documentação que nos tinha fornecido anteriormente, notícias muito circunstanciadas sobre quatro fundações relacionadas com a mesma Congregação e com o seu venerando Fundador, Cónego Manuel Nunes Formigão: um Lar Universitário, fundado a 29 de Setembro de

1949, na Rua da Cedofeita, 379, Porto, para jovens universitárias, que suspendeu a actividade no fim do ano lectivo de 1975, mas reabriu a 1 de Outubro de 1991; a Casa das Irmãs de Nossa Senhora de Fátima, fundada em Wiebelskirchen, Saar, Alemanha, a 15 de Setembro de 1970, junto do Santuário de Nossa Senhora de Fátima, fundado pelo pároco, em 1950, no cumprimento de um voto feito durante a segunda guerra mundial; uma pequena capela-nicho dedicada a Nossa Senhora dos Caminhos com a Imagem de Nossa Senhora de Fátima, no lugar da Moita, paróquia de Pernes, concelho, distrito e diocese de Santarém, benzida no dia 7 de Setembro de 1991; e uma capela, também construída no mesmo lugar, inaugurada a 3 de Maio de 1994 (ver fotografia). Neste lugar, onde nasceu o Padre José Pereira dos Santos,



Alves é fervoroso e dedicado propagandista de Nossa Senhora de Fátima, também foi celebrada a Santa Missa para um numeroso grupo de portugueses que se reuniram em torno da imagem de Nossa Senhora de Fátima, que ali se venera como Senhora dos portugueses". Isto dizia-se na "Voz da Fátima" de 13 de Maio desse ano, a propósito de celebrações realizadas em várias localidades daquela região. Nós próprios já recebemos dele, desde 1976, abundante correspondência, principalmente sobre uma capela que a Associação dos Amigos da Capela de Nossa Senhora de Fátima, dinamizada por ele, mandou construir, em Lorgies, em frente do cemitério militar português, ali existente. A ideia dessa construção surgiu já em 1945. Foi benzida a 30 de Maio de 1976. Aproveitamos esta oportunidade para publicar uma fotografia de Dezembro de 1996, em que se vê o Sr. Alves e sua Esposa, à frente dessa capela, e transcrevemos o seu pedido: "o favor de rezar por mim e minha esposa". Podem contar com as nossas orações e de todos os leitores da "Voz da Fátima".

Correspondência para esta secção:

Serviço de Estudos e Difusão (SESDI) - Santuário de Fátima - Apartado 31 - 2496-908 FÁTIMA; fax: 249539605; e-mail: sesdi@santuário-fatima.pt.

L. Cristino

Parábola das árvores e dos ventos

Era uma vez umas árvores, que com muita persistência conseguiram lançar raízes nuns desertos de areia e pedra, onde as árvores sempre foram raras, e raquíticas, por estragos do sol ardente, escassez das águas, inconsistência e dureza dos solos. Do outro lado dos oceanos, o sol era menos árduo, as águas muito abundantes, as areias mais propícias, e a vida das árvores muito mais fácil. De um lado e do outro havia ventos, parecidos e diferentes, como as árvores, que passavam continuamente, umas vezes ao largo, outras vezes mais perto.

As árvores e os ventos geralmente davam-se bem: as árvores gostavam dos ventos, que lhes forneciam oxigénio; os ventos acariciavam as árvores, que lhes embelezavam a paisagem, e lhes permitiam o repouso. Mas, de quando em quando, armavam escaramuças: ou porque os ventos irritavam as árvores com a violência dos abanões, ou porque as árvores se opunham à livre passagem dos ventos. De pequenos problemas em grandes atritos, os conflitos atingiam o auge quando as árvores se empertigavam acusando os ventos de as quererem arrancar, e os ventos ripostavam que elas apostavam em os imobilizar. Era a eterna luta dos contrários, que sempre fez parte da natureza, e sempre se resolveu, ou separando os contendores, como os pastores de Abraão e Lot, ou assassinando o adversário, como fez o invejoso Caim. Nessas ocasiões, as árvores e os ventos tinham mesmo que recorrer ao máximo das suas energias: amontoavam argumentos para atingirem convicções indiscutíveis sobre a malícia do outro campo, adquiriam novas armas (vendidas pelos ventos!) mobilizavam as suas reservas, e mendigavam aliados.

Assim andaram desde o princípio do mundo num permanente vai-vem, até que, por facilidades novas de comunicação, que mesmo às árvores permitiram transplantar sucursais para os mundos do outro lado, uns ventos novos (antigos!), chamados de globalização, sobrevoaram repetidamente os oceanos, e investiram com tal energia contra as árvores do deserto que elas sentiram estremecer uma vez mais as suas raízes, como se de novo os ventos outra coisa não pretendessem senão reduzi-las, a todas, ao pó da terra onde tão penosamente se tinham erguido, ao longo de séculos de consolidações tribais, e de dolorosas alianças com o solo ingrato. As árvores do deserto sentiram-se espoliadas do seu próprio terreno, porque aos ventos o que interessava era explorar a baixo preço as fontes de energia, que jaziam ainda sob os seus imensos areais. E mais: que o orgulho dos ventos do Ocidente chegava à afronta suprema de tentar erradicar o maior pilar do deserto, que era o pilar da fé.

Humilhadas e revoltadas, pensaram as árvores que tinham mais uma vez de envolver-se numa luta de morte. Mas como eram pobres, embora numerosas, e os riscos de derrota muito evidentes, e alguns ventos do deserto começavam a aliar-se aos ventos invasores, cederam as árvores à tentação do terror, das investidas pela calada da noite, do atentado aos cabecilhas do inimigo, enfim, ao género de luta a que desde os primeiros tempos se tinha recorrido, e tanto elas como os ventos, sempre que a guerra se adivinhava inevitável.

Tanto as árvores como os ventos, mas elas mais do que eles, sempre redobravam de fé por ocasião das suas guerras. Como quem vai à guerra dá e leva, e ninguém saiu nunca ileso de lutas de morte, tanto elas como eles imploravam o auxílio do seu Deus, protestando-lhe que mais não queriam que defender os seus valores sagrados — a terra, as pessoas e a religião — ou seja, a herança que dele receberam. De facto, até os ventos, embora já não chamassem guerra santa à sua guerra, por estarem já muito secularizados, acorriam numerosos às igrejas, pedindo a bênção para os seus soldados e pontaria para os seus bombardeiros.

O problema era que a época do politeísmo já passara — como um tempo de infância, de que tanto as árvores como os ventos se envergonhavam — e que ambos se dirigiam ao mesmo Deus. Por incrível que pareça, nem elas nem os ventos pareciam ter problemas com esse grande problema de ambos invocarem a assistência de um único Deus, para causas contrárias, como se Ele pudesse ser sim e não ao mesmo tempo. É que a guerra se gerara e se alimentava de convicções absolutas, irrecusáveis, sagradas, que por mais contrárias entre si, só podiam ter uma saída: Deus é um só, e só pode estar do lado da verdade e do bem, que é o nosso.

Quando os combates terminaram, ainda com cidades e montanhas a cheirarem a putrefacção, quando uma ténica solidão se estendia pelas raras árvores que sobreviveram no deserto, e os ventos choravam à luz dos fogos que destruíam os poços das Arábias... acharam alguns chefes das árvores e dos ventos que só restava a via da reunião e do diálogo. E confessaram solenemente que a guerra fora uma má solução. Que as suas ideias absolutas, mesmo sobre Deus, eram ainda muito relativas. E sobretudo que estariam atentos a um adversário invisível, o Demónio, que sempre se misturava nos reinos de Deus, para dourar o mal e fazê-lo parecer divino!

Os eternos contendores assinaram então um contrato solene entre si. Juraram que iam dar-se as mãos e não mais se meteriam em guerras. Que estariam atentos às insídias demoníacas. E que, para não fazerem de seu único Deus um ídolo, só O invocariam em seu favor enquanto vigorasse a força deste tratado.

Este foi um passo de verdadeira civilização e de verdadeira fé. Um salto qualitativo na dignidade humana. Até que vieram outras gerações, de árvores e de ventos, e voltaram as convicções absolutas. Cada qual jurando que o Deus único estava todo só do seu lado. E que o caminho era retomar a história trágico-cómica da Humanidade: a sempiterna luta em prol da vida. Que até as árvores e os ventos que não têm fé consideram um absoluto.

As árvores e os ventos regressaram assim à idolatria, na convicção de que defendiam o único Deus verdadeiro. Do qual continuarão a ter sede até que encontrem a verdadeira vida, a vida absoluta, a única que não morre.

P. Luciano Guerra

XXIX PEREGRINAÇÃO DA FAMÍLIA FRANCISCANA

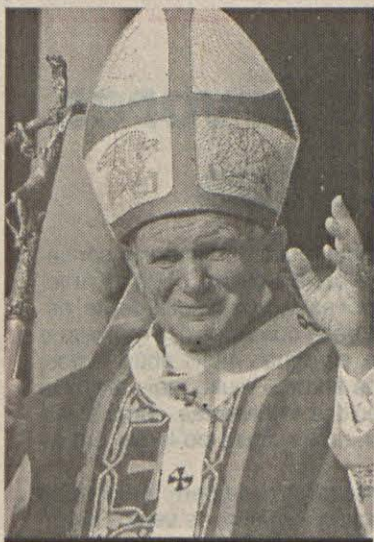
Decorreu no fim-de-semana de 6 e 7 de Outubro, a XXIX Peregrinação da Família Franciscana ao Santuário de Fátima, subordinada ao tema "Ó Glorioso Deus Altíssimo". Vindas de todo o território nacional, as várias congregações religiosas (masculinas e femininas), ordens terceiras e associações laicais que seguem o ideal de Francisco de Assis, congregaram, na Cova da Iria, cerca de 6.000 peregrinos.

No sábado, dia 6, desfilaram com os seus estandartes e bandeiras até à Capelinha das Aparições para aí saudarem Nossa Senhora. Era uma imensa mole humana. Já a cruz que abria a procissão estava junto à Capelinha, ainda outros peregrinos estavam a sair da Praça Pio XII (Cruz Alta). À noite, participaram na recitação do terço e procissão de velas e como era o Primeiro Sábado do mês de Outubro, estas celebrações revestiram-se de outra importância, pois até

foram transmitidas pela Rádio Renascença (como já é habitual).

No domingo, Dia do Senhor, a Família Franciscana, uniu-se a todos os outros grupos de peregrinos, na Missa Internacional das 11 horas que foi presidida pelo Bispo de Leiria-Fátima, D. Serafim Ferreira e Silva, e concelebrada por várias dezenas de sacerdotes e diáconos.

Na homilia, D. Serafim não deixou de lembrar aos peregrinos que fazia, um ano, 7 de Outubro de 2001, que o Santo Padre e mais de 1.500 bispos haviam consagrado a Igreja, o mundo e o 3.º milénio a Nossa Senhora do Rosário de Fátima. E por ser o dia de Nossa Senhora do Rosário, co-padroeira da Diocese de Leiria-Fátima, celebrava-se também o Dia Anual da Diocese. Por isso, realizou-se no momento do ofertório uma recolha de ofertas que reverteram para a Igreja Diocesana, ofertório que no ano passado rendeu 2.476.680\$00.



JOÃO PAULO II, Papa - para perpétua memória

de Março do ano de 1910. Os seus pais, Manuel Pedro e Olímpia de Jesus dos Santos, foram pequenos agricultores e bons cristãos, que os educaram piedosamente, desenvolvendo a graça recebida no Baptismo. Estas crianças nem sequer puderam ter acesso à aprendizagem das letras, mas mesmo assim aprenderam a seguir os caminhos de Deus e a exercitar-se naquelas virtudes cristãs e humanas que são como instrumentos para os filhos do mesmo Pai celeste.

O Francisco foi de temperamento calmo e humilde, que não se irritava nas contrariedades e costumava contemplar as belezas do mundo; a Jacinta, porém, foi de índole ardente e aberta, alegre e dada ao amuio.

Com cerca de seis anos, o Francisco recebeu dos pais o encargo de apascentar o rebanho da família, às vezes acompanhado da Jacinta; a ambos se juntava a prima, um pouco mais velha, ou seja, a Lúcia de Jesus dos Santos, que também apascentava o rebanho.

No ano de 1916, ao guardarem o rebanho perto da Lapa do Cabeço, viram por três vezes um Anjo, que lhes falou. O Francisco e a Jacinta esforçaram-se por rezar com mais fervor e começaram a fazer penitência por aqueles que não crêem, não adoram, não esperam e não amam a Deus.

Do dia 13 do mês de Maio de 1917, no lugar a que chamam Cova da Iria, os três pastorinhos tiveram o singular e inesperado benefício de verem com os seus olhos a Virgem

Maria, que, à maneira de mãe, os convidava a rezarem pela conversão dos pecadores e a fazerem penitência pela salvação das almas. As várias aparições de Maria suscitaram um amplo movimento de povo, a alegria dos fiéis, a inimizade dos não crentes, a insolência dos curiosos e as ameaças dos poderes públicos locais. O Francisco e a Jacinta, sofrendo com alegria por amor de Deus, suportaram tudo com fortaleza viril e não quiseram outra coisa que não fosse responder totalmente aos pedidos da Virgem Santíssima.

O Francisco, consciente de que Deus estava muito triste por causa dos pecados dos homens, desejava consolá-los com sacrifícios e orações. Para pensar no Senhor e falar com Ele escolhia lugares solitários e também permanecia longo tempo na Igreja, para adorar o Santíssimo Sacramento, que só pôde receber como Viático. Prosseguiu com todo o empenho a vida espiritual, a oração assídua e fervorosa, de tal maneira que atingiu uma união mística total com o Senhor. Atingido por grave doença das artérias e dos pulmões no dia 1 de Outubro de 1918, a saúde começou a agravar-se-lhe. Aguentou grandes dores sem se queixar: tudo lhe parecia pouco para consolar Jesus. No dia 4 do mês de Abril de 1919, partiu desta vida com um sorriso.

A Jacinta foi tocada da graça divina, como se ardesse em caridade, ao ponto de dizer: "Amo o Senhor de tal modo que me parece ter fogo no peito, mas fogo que não queima". Pa-

ra pedir a salvação dos pecadores ofereceu-se como vítima e castigava continuamente o corpo e orava pela salvação das almas e pelo Sumo Pontífice, a quem viu em espírito a sofrer muito. Tal como o irmão, rezou muitos terços e pediu ardentemente que o Imaculado Coração de Maria e a paz prevalecessem no mundo e assim buscou com grande esforço a vida eterna. Ofereceu a Deus as dores da prolongada doença e da ausência dos familiares. No dia 20 de Fevereiro do ano de 1920, num hospital de Lisboa, partiu calmamente deste mundo.

A fama de santidade que o Francisco e a Jacinta tiveram em vida aumentou e permaneceram grandemente depois da morte, de tal maneira que o Bispo de Leiria, no ano de 1952, introduziu a causa de beatificação e da canonização. Concluído tudo o que está prescrito pelo direito, no dia 13 do mês de Maio do ano de 1989, diante de Nós foram apresentados os decretos acerca das virtudes heróicas das crianças. Assim, a Congregação da Causa dos Santos investigou com feliz resultado a cura de uma mulher portuguesa, cura que se deu no ano de 1987 e que foi atribuída à intercessão dos dois Servos de Deus. No dia 28 do mês de Junho de 1999, publicado o decreto acerca do milagre, resolvemos Nós mesmo dirigir-nos a Fátima, no decorrer do ano jubilar, para colocarmos no candelabro da Igreja, com o rito da beatificação, estas duas luzes que Deus acendeu para iluminar os homens neste tempo obscuro e inquieto.

Hoje, pois, em Fátima, no decorrer da Missa, pronunciámos esta fórmula: "Acolhendo o desejo expresso pelo nosso Irmão Dom Serafim, Bispo de Leiria-Fátima, por muitos outros Irmãos no Episcopado e por tantos fiéis cristãos, depois de termos ouvido o parecer da Congregação da Causa dos Santos, com a Nossa Autoridade Apostólica concedemos que, de hoje em diante, os Veneráveis Servos de Deus Francisco Marto e Jacinta Marto sejam chamados Beatos e possa celebrar-se anualmente, nos lugares e segundo as normas do direito, a festa de Francisco e Jacinta Marto no dia 20 de Fevereiro. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo".

Julgando Nós quanto a estes Beatos, com os exemplos da sua vida, serão úteis a toda a comunidade da Igreja universal ainda na terra e quanto, com as suas preces junto de Deus, podem ajudar a causa do Evangelho entre os homens, queremos que fique inteiramente determinado e firme tudo o que decretámos por estas letras, tanto agora quanto para o futuro, não obstante quaisquer determinações em contrário, sejam elas quais forem.

Dado em Fátima, sob o anel do Pescador, no dia 13 do mês de Maio do ano 2000, ano do Grande Jubileu, vigésimo segundo do Nosso Pontificado.

Por mandado do Sumo Pontífice

As. Angelus Card. Sodano
Secretário de Estado

A Bem-aventurada Virgem Maria, com o seu amor de mãe, cuida dos irmãos de seu Filho que ainda peregrinam e se debatem entre os perigos e angústias, até que sejam conduzidos à Pátria feliz. (Da Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja, do Concílio Vaticano II, 62).

Este cuidado solícito da Mãe de Deus experimentaram-no de modo singularíssimo o menino Francisco Marto e a menina Jacinta Marto, que, ensinados pelas exortações da mesma Mãe de Deus, se entregaram ambos com todo o empenho à conversão e salvação dos homens e, em breve tempo, atingiram o cume da perfeição evangélica.

Ambos os Servos de Deus nasceram em Portugal, no lugar de Aljustrel, nos limites da paróquia de Fátima, a saber, o Francisco no dia 11 do mês de Junho do ano de 1908, e a sua irmã no dia 11 do mês

Angolanos pela Paz, contra os senhores da guerra

Parece que as atenções se estão a virar, finalmente, para o problema de Angola. Depois de atribuição do prémio Sakharov a D. Zacarias Kamwenho, foi lançado, no dia 24 de Outubro, em Lisboa, uma Campanha Internacional contra a Guerra em Angola. A iniciativa teve lugar no Centro Cultural de Belém e contou com a presença de D. Francisco Mata Mourisca, bispo do Uíge e presidente do Movimento Pro Pace.

Com o prelado angolano, esteve também o jornalista Rafael Marques, juntando assim Igreja e sociedade civil na luta pelo fim das hostilidades num país em guerra há 40 anos. Durante grande parte deste tempo, a gestão do conflito esteve sempre nas mãos do MPLA e da UNITA. Chegou agora a vez de a sociedade angolana ter direito à palavra.

No manifesto que lança a campanha, pode ler-se que a "guerra é o problema" e por conseguinte, não pode ser a solução. Vai mais longe ao denunciar o facto de as duas partes do conflito obterem "chorudos rendimentos com a exploração de petróleo e diamantes", enquanto que os angolanos, "sofrem as consequências da intransigência dos seus líderes".

MPLA e UNITA dizem representar o povo, no entanto, o texto afirma que "nenhuma das partes pode dizer que representa os angolanos", a prová-lo está a "determinação" de ambos os lados "em fazer a guerra, contra os interesses do povo". Contra a situação de 3 milhões de deslocados, a fome e a miséria de uma população com 60 por cento de adultos analfabetos e cerca de 70 por cento de crianças que não vão à escola, esta campanha estabelecerá contactos políticos ao mais alto nível, para além dos habituais cartazes, panfletos e petições. O objectivo é claro: "desmobilizar a mentalidade de guerra".

1.ª CICLO-PEREGRINAÇÃO ALGARVE-FÁTIMA

Rolaram, pelas estradas de Portugal, cerca de 170 ciclo-peregrinos de todo o Algarve, no 1.º evento do género, entre os dias 9 a 13 de Outubro de 2001, numa distância de 374 km, entre Alcantarilha (Silves) e a Cova da Iria.

O percurso foi realizado em quatro etapas, ou seja, uma por dia, tendo como objectivo chegar a Fátima para as celebrações comemorativas do 84.º aniversário das aparições de 13 de Outubro.

Na tarde do dia 12, chegaram finalmente ao Santuário de Fátima vendo cumprido o seu objectivo. Desceram a esplanada do Recinto de Oração, em direcção à Capelinha das Aparições, envergando todos um equipamento igual, de cor amarela.

Nas celebrações do dia 13, a sua presença também foi notada, não só pela mancha amarela que sobressaía entre a assembleia dos fiéis, mas sobretudo pelo serviço que prestaram aos peregrinos que cumpriram as suas promessas, na passeadeira que vem desde a Cruz Alta, fazendo um cordão humano para os proteger do constante movimento das pessoas. No final da Eucaristia, no momento da Procissão do Adeus dirigiram-se para o alpendre da Capelinha, retiraram as suas camisolas amarelas para acenar com elas a Nossa Senhora de Fátima, associando-se desta forma aos milhares de lenços brancos dos restantes peregrinos.

Prémio SAKHAROV para D. ZACARIAS KAMWENHO, Arcebispo de Lubango - Angola

O Parlamento Europeu decidiu atribuir o prémio Sakharov ao Arcebispo de Lubango e Presidente da Conferência Episcopal de Angola e São Tomé, D. Zacarias Kamwenho, e à candidatura mista israelo-palestina Izzat Ghazzawi e Nurit Peled-Elhanan.

D. Zacarias, em declarações à Agência Ecclesia, considera que "aparecer o meu nome para o prémio Sakharov significa que Angola ainda conta alguma coisa e que a Conferência Episcopal de Angola e São Tomé, que eu represento, que vem desenvolvendo uma actividade no campo dos Direitos Humanos por causa da guerra que nunca mais acaba, é reconhecida internacionalmente".

Quando recebeu a notícia do Parlamento Europeu, D. Zacarias Kamwenho "nem queria acreditar". Foi desta forma que o deputado do Partido Popular, José Ribeiro e Castro definiu a reacção do prelado. Ribeiro e Castro foi um dos grandes impulsores desta candidatura e falou à Agência ECCLESIA momentos depois de ter conversado telefonicamente com o bispo angolano, que disse sentir-se "um instrumento de Deus e da causa da paz em Angola".

Para o eurodeputado a atribuição deste prémio é "o reconhecimento de

um esforço vastíssimo da Igreja Católica na promoção da paz" e constitui "uma mudança importante na forma como a Comunidade Internacional olha para a guerra em Angola".

Pela primeira vez uma instituição internacional reconhece o protagonismo de alguém que não é um "senhor da guerra". O mundo lamenta-se da guerra, mas só fala com os senhores da guerra. D. Zacarias é, pelo contrário, o porta-voz dos que sofrem em nome de Angola, querem a paz e trabalham para ela", sublinhou Ribeiro e Castro.

Esta decisão de atribuição do Prémio Sakharov "liberdade de pensamento", pelo Parlamento Europeu é um bom prenúncio de que as coisas tendem a mudar naquele país africano. Ribeiro e Castro considera que o facto de, aquando da atribuição do Prémio Nobel da Paz a Kofi Annan, o mesmo ter dedicado algumas das suas primeiras palavras para o problema de Angola, ser muito significativo.

A paz em Angola perspectiva assim, um futuro promissor e o desejo do deputado do PP "é que desta vez quando vier que seja para ficar. Que seja uma paz decisiva e não exclua ninguém".

Para o Pe. Tony Neves, presidente da Missão Press (que apoiou, desde o

primeiro momento, a candidatura de D. Zacarias Kamwenho) esta foi uma "foi uma grande vitória para uma maneira de olhar para situação de Angola diferente. Ou seja — continua o Director da Missão Press — este prémio faz um apelo a um trabalho forte pela paz, um trabalho que não é mediático, mas que implica fortes compromissos no terreno. As Igrejas estão onde mais ninguém está apoia as vítimas em sítios onde mais ninguém vai e tem uma postura profética diante da situação que os leva a denunciar o que mais ninguém tem coragem de denunciar".

O Pe. Tony, através deste organismo que reúne em Associação os títulos da imprensa missionária que existem em Portugal, afirma ainda que a atribuição do Prémio a D. Zacarias, que está ligado ao Movimento Pro Pace e ao Comité Inter-Eclesial para a Paz (duas plataformas de luta pela paz em Angola sem o recurso às armas) é uma valorização na tentativa de "pacificação de Angola pela via do diálogo e pela via da reconciliação e não pela via das armas".

Cerca de 50 mil euros (10 mil contos), é o valor do prémio que será entregue por Nicole Fontaine, Presidente do Parlamento, no dia 12 de Dezembro, em Estrasburgo.

Banda Musical de Rio Mau - Penafiel

A única banda portuguesa que peregrina até Fátima

O Santuário de Fátima recebeu no dia 20 de Outubro, uma peregrinação diferente. Tratou-se da Banda Musical de Rio Mau - Penafiel, diocese do Porto, que há bastantes anos a esta parte, vem anualmente à Cova da Iria em peregrinação.

Pelas 17h00, os cerca de 60 músicos da Banda Musical de Rio Mau, acompanhados pelas suas famílias, iniciaram o desfile desde a Praça Pio XII (Cruz Alta) em direcção à Capelinha das Aparições para aí saudarem Nossa Senhora de Fátima e em seguida celebrarem a Eucaristia. Abru-

do o desfile ia a cruz, imediatamente seguida pela bandeira da Banda.

O som harmonioso que produziam, imanou pelo Recinto de Oração atraindo a atenção de bastantes peregrinos e visitantes do Santuário que logo aproveitaram para registar em vídeo ou fotografias esses raros momentos a que assistiam. Entre as pessoas ouviu mos alguém dizer: «na verdade, a música é das formas mais belas de louvar o Criador».

Mons. Luciano Guerra convidou, as cerca de 500 pessoas que estavam na Capelinha, a «darem graças a Deus

pelo nosso corpo, pois é muito bom ter ouvidos para poder escutar estas peças tão belas». Referindo-se aos Beatos Francisco e Jacinta disse: «os três pastorinhos gostavam de música e de dança, por isso organizavam bailes para as crianças de Fátima. O Francisco adorava tocar a sua flauta pela Serra, dando acordes para que a pequena Jacinta pudesse dançar».

Em seguida, enalteceu a vinda desta Banda ao Santuário, pois é a única do país que vem em peregrinação à Cova da Iria.

Sérgio Carvalho

Capela recebe imagens dos pastorinhos de Fátima

A comunidade de Pastorinhos, paróquia de Asseiceira, Tomar, esteve em festa no passado dia 13 de Outubro, com a chegada das imagens dos pastorinhos de Fátima, recentemente beatificados, imagens que foram oferecidas pelo Santuário de Fátima e que passaram a ser veneradas na sua capela.

Este evento contou com a presença do Reitor do Santuário de Fátima para a bênção e entronização das imagens, as quais ficaram colocadas junto da imagem da Senhora de Fátima, padroeira local, na capela.

Tratou-se de mais um passo no desenvolvimento da comunidade de Pastorinhos, agora no campo religioso.

Pastorinhos não é uma povoação, mas um local onde convergem quatro localidades – Cerejeira, Foz do Rio, Perdigueira e Falagueiro – nos seus limites geográficos.

Há cerca de trinta anos, os habitantes destes quatro lugares entenderam que a melhor forma de enfrentar problemas comuns e suprir necessidades colectivas, era trabalharem em conjunto. Fisicamente, era conveniente fixar um ponto, um lugar, independente de cada uma das povoações, que desse continuidade a cada uma delas e conferisse, ao conjunto, características de comunidade.

O local encontrado foi Pastorinhos. E toda a actividade comunitária, social e religiosa se centrou, a partir de então, nesse lugar. Aí estão as instalações da Associação Cultural e Recreativa; aí construíram a piscina pública e prepararam instalações desportivas; aí foi levantado um edifício destinado a posto médico. Usufruem ali de casa mortuária, também ela fruto do esforço colectivo.

Mas o primeiro acto, o ponto de partida para esta união de esforços, foi a construção da igreja, inaugurada em 23 de Maio de 1976.

Gente tradicionalmente católica, edificaram a capela de que necessitavam, em dois anos, conjugando esforços e eliminando atritos que poderiam provocar a dispersão. Pastorinhos foi o local escolhido para a construção, e assim, nada mais lógico que dedicar o templo à Senhora de Fátima. Era então pároco da freguesia de Asseiceira o padre António José dos Santos, o qual, contagiado pelo entusiasmo de alguns residentes, se deslocou ao Santuário de Fátima, obtendo do Reitor a promessa da imagem dos Pastorinhos da Cova da Iria, tão breve quanto tivesse lugar a sua beatificação.

O fruto do entusiasmo e da persistência está aí.

FÁTIMA, TERRA DE PAZ

Milhares de peregrinos rezaram pela paz na Cova da Iria

(Continuação da pág. 1)

Dia 13

À semelhança dos primeiros peregrinos de Fátima, que ficavam em vigília de oração durante a noite de 12 para 13, a partir das 00h00 até às 07h00 houve celebrações na Basílica (Adoração ao SS.mo Sacramento, Eucaristia e Laudes), na Capelinha (Celebração Mariana) e no Recinto de Oração (Via-Sacra e Procissão do SS.mo Sacramento). Todas estas celebrações da noite foram animadas pelos alunos e professores do Seminário Conciliar da Arquidiocese de Braga.

Apesar de todos os rumores de possibilidades de atentados, com o aproximar da hora da recitação do terço (09h15), que antecede a solene concelebração eucarística de encerramento da peregrinação, a Cova da Iria começava a fervilhar de peregrinos. Estimamos que quando se iniciou o cortejo litúrgico (às 10h00), com a imagem de Nossa Senhora, para o altar do Recinto estariam no Santuário aproximadamente 150.000 pessoas.

A atenção dos fiéis prendia-se na imagem de Nossa Senhora de Fátima, mas quando a bandeira dos EUA passava, muitos eram os que a tocavam, em sinal de união à dor do povo norte americano.

Além do presidente da concelebração, estavam outros 10 bispos, entre os quais o bispo de Leiria-Fátima, o arcebispo de Czeszochowa e o bispo de Tarbes e Lourdes. Concelebraram 8 diáconos e 382 presbíteros.

Assim que o cortejo se aproximou do altar da Eucaristia, o comentador da celebração, anunciou aos peregrinos que estavam presentes, de um modo especial os irmãos da paróquia de Campocaval-



lo di Osimo – Itália, que há uns dias haviam feito a entrega solene de um modelo do Santuário em espigas de trigo (cf. Voz da Fátima de Setembro).

Os textos da Eucaristia foram os próprios da Missa de Nossa Senhora do Rosário, tendo a 1.ª leitura sido proclamada em português e a 2.ª em língua francesa. O Evangelho foi proclamado em português, e lidos resumos em italiano, inglês, alemão e polaco.

Sua Eminência, proferiu a homilia, que publicamos na íntegra, nesta edição.

A oração dos fiéis foi feita nas várias línguas presentes, tendo havido uma prece especial pela paz: «Por todos nós aqui presentes, por aqueles que nos acompanham pelos meios de comunicação, e por todos quantos se preocupam nestes dias com a paz do mundo, para que estejamos atentos aos apelos de conversão que Deus aqui nos faz através dos muitos irmãos que sofrem a humilhação, a revolta ou a tentação do terrorismo e da guerra. Oremos».

A ajudar na animação da Eucaristia, estava o Coro Tarazona, de

Aragão – Espanha que interpretou uma peça no ofertório e outra no final da procissão do Adeus.

Após a Sagrada Comunhão, que foi recebida por 35.000 fiéis, procedeu-se à Bênção Eucarística dos Doentes, cerca de 300 pessoas, pacientes de vários problemas de saúde, que estavam na Colunata Norte, inscritos para receberem a bênção de Jesus sacramentado.

Após a bênção dos doentes, D. Serafim Ferreira e Silva dirigiu-se aos peregrinos e perguntou-lhes se estariam de acordo com o envio de um telegrama ao Santo Padre felicitando-o pelos 23 anos de pontificado, ao que o povo respondeu com uma forte salva de palmas.

Chegando a hora da despedida, a Procissão do Adeus dirigiu-se para a Capelinha, com a imagem de Nossa Senhora por entre o acenar de lenços brancos. Assim que o andar chegou à Capelinha os fiéis irromperam numa nova salva de palmas, a que se seguiu o cântico «Canticorum Iubilium» – «Hinos de Glória, cantemos ao Senhor» interpretado pelo coral aragonês.

Sérgio Carvalho



Homilia proferida por Sua Eminência, D. José Policarpo, Cardeal Patriarca de Lisboa

Peregrinação Internacional Aniversária de 13 de Outubro de 2001

podem deixar de pôr-se a questão: onde está o Deus verdadeiro? Quem é, afinal, Deus? Como se torna Ele presente na nossa vida?

2. Deus é Espírito. A leitura dos Actos dos Apóstolos mostra-nos os Apóstolos de Jesus, com Maria no meio deles, em oração, à espera do Deus Espírito Santo, que manifesta toda a força do Deus amor. E se Ele é amor, ama e quer ser amado, manifesta o Seu poder nessa intimidade amorosa, revela-se porque se desvela.

A revelação cristã não se limita a dizer-nos quem Deus é; põe Deus a acontecer nas nossas vidas. Ele torna-se a nossa salvação. O nosso Deus é onipotente, mas Ele não exerce o Seu poder, como um demiurgo solitário que O usa a seu belo prazer. É no seio de uma relação conosco, que abandonando-nos confiadamente a Ele, permitimos que Ele, porque nos ama, seja poderoso. Deus acontece na vida dos crentes que, pondo em Deus a sua esperança, são amados por Ele. Deus acontece quando rezamos, quando O amamos e nos amamos, quando celebramos; quando nos perdoamos, nos revigora, nos ilumina e nos renova.

O dom do Espírito Santo, esperado em adoração pelos Apóstolos, com Maria, não foi uma definição do Deus Espírito, foi Deus a acontecer, na vida dos homens podendo, depois da Páscoa de Jesus, amar-nos

como se ama a Si Mesmo, na comunhão trinitária e ensinar-nos a amar-Lo como Ele nos ama. Tal como na encarnação do Verbo, o Pentecostes foi Deus a acontecer nas nossas vidas e na nossa história.

3. Adorar a Deus em espírito e verdade é deixar Deus acontecer na intimidade de uma relação confiante e abandonada, na simplicidade da nossa fé, na coerência da nossa fidelidade. É reagir a Deus no contexto de uma aliança pessoal, que desencadeia em nós todos os sintomas do amor e do desejo do encontro, a entrega generosa e confiante, a aceitação da sua Palavra como projecto para nós, a alegria da comunhão.

O Evangelho da anunciação mostra-nos essa experiência de Deus em Maria, que O adorou porque se abandonou. Não é um discurso, mas um encontro. A presença de Deus aconteceu, porque Maria lhe respondeu com todas as capacidades do seu coração. O Deus amado é mais vivo que o Deus apenas conhecido.

O mensageiro divino encontra, certamente, Maria em oração, e manifesta-lhe o amor que Deus lhe tem. «Achaste graça diante de Deus», ou seja, Deus está encantado contigo e por isso está em ti. Amada por Deus, Maria sente-se introduzida na intimidade do amor das Pessoas divinas: o Espírito Santo envolvia-la-á e O Verbo eterno quer ser seu Filho. Ela agora escuta a Sua Palavra, não a partir do mundo,

mas a partir do coração de Deus. Jesus, o seu Filho, dará testemunho dessa mesma experiência quando diz aos discípulos: as palavras que vos digo, escutei-as junto do Pai.

Quando a Palavra é escutada a partir do coração de Deus, a resposta só pode ser o abandono confiante de amor: «faça-se em mim segundo a Tua palavra». Esta é a mais verdadeira adoração de Deus: os que escutam a Palavra de Deus e a seguem, passando-a à prática, permitindo que ela se faça carne, na carne das suas vidas.

4. É por isso que Nossa Senhora tem um papel tão decisivo na vida da Igreja. Ela é para nós o sinal de que Deus só se pode adorar na verdade da nossa vida e na ternura do nosso coração; que todos os discursos sobre Deus são estéreis se Deus não acontecer numa relação de amor, do amor que nos salva porque nos faz nascer de novo.

Num mundo enlouquecido no seu discurso sobre Deus, uns porque O consideram supérfluo, outros porque O reduzem à simples medida do homem não redimido, a Igreja, cada cristão, é chamada a dar testemunho do Deus vivo, do Deus que se pode manifestar surpreendentemente na vida de cada um de nós. Na Igreja de Deus acontece sempre de novo, em novas manifestações do amor salvador. Acontece na Eucaristia, quando partilhamos na doação de um Filho, que sabendo que o maior desejo de Deus, Seu

Pai, é a salvação dos homens, lhe oferece a vida por isso; acontece quando os cristãos, deixando cair resistências e defesas, escutam a Palavra de Jesus a partir do coração de Deus e aceitam que ela seja verdade nas suas vidas; Deus acontece no amor fraterno gratuito e generoso, acontece naqueles que, sentindo-se amados, decidem fazer sua a causa do Reino. Há na vida dos cristãos decisões que têm pouco a ver com a lógica do discurso humano: a virgindade voluntária como consagração de amor, a pobreza voluntariamente escolhida, o dom da própria vida até ao martírio. São atitudes incompreensíveis aos olhos do mundo, mas são momentos em que o Deus vivo se manifesta com a força do Seu amor; são momentos de adoração de Deus em espírito e verdade.

Sempre que Deus acontece na vida da Igreja e na vida de cada um de nós, Maria está lá, como esteve com os Apóstolos no Cenáculo. Não está como espectadora, mas como participante. No momento em que nos abrimos ao amor de um Deus que é Pai, ela ama-nos como Mãe. Ela é a Mãe do amor formoso; quando baluciamos a nossa resposta de fidelidade, na timidez da nossa fraqueza, ela faz sua a nossa resposta e ensina-nos a dizer, em cada encontro com a Palavra de Deus: faça-se em mim, Senhor, segundo a Tua Palavra.

† JOSÉ, Cardeal-Patriarca

IV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS CIDADES-SANTUÁRIOS

Fátima, 10 a 13 de Outubro de 2001

A peregrinação a pé - Documento final



A Peregrinação a Pé do Passado ao Futuro, constituiu o tema central daquele que foi o VI Congresso Internacional das Cidades Santuário. Durante quatro dias diversos especialistas aprofundaram os principais desafios que se colocam a estes locais que anualmente acolhem milhares de peregrinos e como tal devem estar preparados para isso em termos urbanísticos e humanos.

Nas conclusões deste encontro pode ler-se que: A relevância do Santuário no processo de peregrinação constitui um desafio a todos aqueles que nele estão envolvidos, em ordem a uma grande atenção cultural, organizativa e pastoral, que pode encontrar expressão já a partir dos subsídios que oferece para a própria caminhada. A relevância do Santuário cresce na proporção da qualidade dos espaços, do ambiente, das estruturas de acolhimento e das celebrações, que são resposta a um autêntico desafio.

Para David Catarino, Presidente da Câmara Municipal de Ourém, é necessário apostar na criação de um espírito europeu comum a todas as cidades santuário, para que estas se apresentem como um espaço e uma oportunidade de peregrinação que capitalize o interesse de pe-

regrinos oriundos de outros continentes. David Catarino, que foi um dos organizadores deste congresso, sublinha ainda a colaboração estreita que existe com os responsáveis do próprio Santuário de Fátima. Para o Presidente da Câmara de Ourém seria impensável que os dois organismos não colaborassem no sentido de criar um espaço de acolhimento aos peregrinos, que resulte numa oferta de qualidade, a qual interessa a todas as partes. Também nesta questão são claras as conclusões do Congresso ao afirmarem que: "a cidade e o Santuário que mutuamente se envolvem e determinam, tanto mais quanto mais a cidade tiver nascido do Santuário, ou o Santuário da cidade, precisam deixar-se desafiar pela harmonia humana que deverão otimizar, e que se traduz nos serviços em que colaboram e que desenvolvem em coordenação.

Entretanto permanece a intenção de levar por diante uma associação de cidades-santuários, tendo em vista o desenvolvimento de projectos transnacionais que têm a ver com as culturas regionais, mas também pela ajuda que pode constituir ao processo em curso de uma cidadania europeia, que os santuários de hoje, como do passado, ajudam a construir.

1 - O IV Congresso das Cidades-Santuários consagra, pela reflexão a partir de dados sociologicamente tratados, a importância do fenómeno da peregrinação a pé, nas culturas contemporâneas da Europa, nele representadas. Trata-se de um fenómeno que flui, social e culturalmente, da estrutura antropológica do ser humano como homem e mulher a pé, fazendo caminho, e nele trazendo anseios de permanente superação. De variadas formas, a peregrinação a pé aparece como a inscrição do êxodo que faz o ser humano ser mais, com aquelas marcas que constituem a sua singularidade. Neste êxodo integra-se o processo perfectivo da conversão, no plano meramente humano, como também religioso e «sobrenatural».

2 - O santuário, como o lugar em que Deus «habita», dá sentido à peregrinação, determinando, como causa final, as suas características específicas. De facto esta experiência é fulcral para todo o ser humano, não só relativamente à vivência integral do seu corpo, representado nos pés, nos espaços que percorre, no tempo que oferece e recupera, nas pessoas que encontra e o acompanham, mas também e sobretudo pela sublimação que lhe proporciona como caminho privilegiado para o Sagrado.

3 - A relevância do santuário no processo de peregrinação constitui um desafio a todos aqueles que nele estão envolvidos, em ordem a uma grande atenção cultural, organizativa e pastoral, que pode encontrar expressão já a partir dos subsídios que oferece para a própria caminhada. A relevância do santuário cresce na proporção da qualidade dos espaços, do ambiente, das estruturas de acolhimento e das celebrações, que são resposta a um autêntico desafio.

4 - A pastoral do santuário, no intuito de obviar às normais fragilidades do peregrino, tenha em conta antes de mais o seu corpo e a comunidade que ele forma com os outros, ajustando-se na sua oferta de evangelização, litúrgica e devocional, às necessidades a que o peregrino precisa de responder, ele que demanda o lugar sagrado para nele encontrar a experiência da plenitude.

5 - A cidade e o santuário, que mutuamente se envolvem e determinam, tanto mais quanto mais a cidade tiver nascido do santuário, ou o santuário da cidade, precisam de deixar-se de-

noais que têm a ver com as culturas regionais, mas também pela ajuda que pode constituir em relação ao processo em curso de uma cidadania europeia, que os santuários de hoje, como do passado, ajudam a construir. Isto passará no respeito pela diferença do «pé» de cada um, e pela certeza de um «espírito» comum que em cada um desenvolve a peregrinação interior, alicerces de toda as peregrinações.

7 - O futuro da Europa, do ponto de vista cultural e espiritual, terá assim muito a ganhar com um desenvolvimento estrutural e sistemático dos diversos caminhos de peregrinação que a



safiar pela harmonia humana que deverão otimizar, e que se traduz nos serviços em que colaboram e que desenvolvem em coordenação, como resposta conjunta para a superação de limites, tão evidentes no peregrino a pé.

6 - A ideia de uma associação de cidades-santuários, como ponto de encontro para reflexão, cujo desejo se vem acentuando desde o I Congresso, o qual teve lugar em 1995 na cidade-santuário de Loreto, é justificado não só pelo desenvolvimento de projectos transnaci-

atravessam. Eles podem tomar-se marcos do percurso de uma identidade comum, no respeito, no diálogo e na harmonização das suas diferenças. Reapreciando uma antiga tradição do nosso continente, sugerimos e pedimos que os caminhos de peregrinação a pé sejam revalorizados como itinerários de cultura e de identidade, ligando o nosso futuro à memória que nos habita, e na qual os lugares altos do cristianismo ocupam sem dúvida um lugar central.

Fátima, Centro Pastoral Paulo VI,
12 de Outubro de 2001

Os organizadores deste IV Congresso das Cidades-Santuários fazem aos seus pares a seguinte proposta, no sentido de se clarificarem os fundamentos, a estrutura, a finalidade e o funcionamento das nossas actividades, e assim definir de modo mais duradouro o seu futuro.

1 - Numa visão retrospectiva rápida, encontramos a fonte destes nossos encontros no «1º Convegno Internazionale delle Città sedi di Santuario e mete di Pellegrinaggi», que se celebrou em Loreto, de 16 a 19 de Novembro de 1995. As Actas foram publicadas em 1996. Em Loreto ficou determinado que se realizaria um segundo «Convegno» na cidade-santuário de Alltoetting, o que aconteceu de 5 a 8 de Novembro de 1997, estando publicadas as Actas. O terceiro «Convegno» teve lugar em Chestochowa, no ano 1999, segundo decisão tomada em Alltoetting. As respecti-

Proposta dos organizadores

vas Actas foram também publicadas. Aí se determinou que o «convegno» deste ano, 2001, teria lugar no Santuário de Fátima.

Nos anos intervalares, realizaram-se encontros parciais de algumas cidades-santuários em Verona (Novembro 1996), Lourdes (1998) e Fátima (Maio 2000).

2 - Estes encontros assentam na boa-vontade dos seus organizadores e vêm-se realizando sem um projecto de conjunto previamente determinado, portanto sem que assentem numa base institucional sólida, como seria uma associação ou outro tipo de instituição. No «convegno» de Alltoetting, houve uma tentativa de organização apoiada em cinco das cidades-santuários que se tomavam como «fundadoras», a saber: Loreto, Alltoetting, Chestochowa, Lourdes e Fátima. A organização assentaria num comité das cinco cidades-santuários, o

qual organizaria os congressos, de dois em dois anos. Mas não se escreveu qualquer estatuto ou convenção, pelo que a decisão parece ter ficado sem efeito.

3 - O Conselho Pontifício para as Migrações e Turismo tem acompanhado e apoiado estas actividades, desde o princípio, mas sem assumir, como se compreende, responsabilidades directas. A responsabilidade dos encontros vem sendo assumida pelo município e santuário a quem cabe acolher o «convegno», sem continuidade com as realizações dos encontros anteriores.

4 - Em face desta situação, e da incerteza que ela projecta sobre o futuro, até porque outras actividades deste género se vão multiplicando por iniciativa de organismos oficiais ou particulares, seria conveniente construir um documento escrito, convenção ou

estatuto, com vários elementos, que os usamos elencar a seguir:

4.1 - Definição do conceito de cidade-santuário, de modo a organizar um ficheiro completo dos possíveis interessados.

4.2 - Decisão acerca da possível constituição de uma associação internacional, onde pudessem ter lugar, ou só as cidades-santuários, ou outras que se enquadrassem num conceito mais vasto, o qual poderia mesmo, talvez, traduzir as preocupações ecuménicas do actual impulso para a globalização civil e religiosa.

4.3 - Determinar, ou não, o nome das cidades-santuários que possam considerar-se fundadoras desta instituição. Esta designação parece existir actualmente, mesmo se com alguma imprecisão, já que em Chestochowa se admitiu agregar como membros observadores Santiago de Compostela e Wilnius.

4.4 - Estabelecer algumas li-

nhas estruturais, nomeadamente quanto a corpos directivos e secretariado, as quais traduzissem suficientemente o vínculo que as cidades-santuários pretendem estabelecer entre si, assim como a sua ligação ao Pontifício Conselho para as Migrações e Turismo.

4.5 - Estabelecer as actividades a realizar, o género de temas a tratar, a periodicidade dos encontros (bi-anual ou outra) a possibilidade de encontros intermédios, e o método de selecção das cidades-santuários que os acolheriam.

5 - Não estando previsto, e não havendo tempo, para tratar este assunto no actual IV Congresso, usamos propor que esta assembleia peça aos nossos colegas de Lourdes se ocupem desta tarefa e proponham à votação as respectivas decisões, no «Convegno», que se realizará em 2003, naquela cidade-santuário.

Santuário de Fátima,
2001.10.11

Peregrinação à Senhora da Lapa - Lamego



No dia 14 de Outubro de 2001 cerca de 2.000 Mensageiros de Nossa Senhora de Fátima subiram a montanha rumo ao Santuário de Nossa Senhora da Lapa. Após uma caminhada de reflexão sobre o testemunho dos três primeiros Mensageiros de Nossa Senhora, Lúcia, Francisco e Jacinta, foi celebrada a Eucaristia presidida pelo Assistente Diocesano P.e Manuel Joaquim Silvestre. Fez a família o Assistente Nacional, apelando à fidelidade à Mensagem de Fátima. Se a Mensagem de Fátima, como afirma João Paulo II tem um lugar importante na Nova Evangelização, os seus mensageiros devem procurar conhecê-la à luz da Bíblia, do magistério da Igreja e do testemunho dos Pastores de Nossa Senhora.

Não podemos ceder ao conformismo e indiferença perante os acontecimentos que estão a perturbar e a comprometer a paz no mundo.

A seguir fizeram o seu compro-



misso os novos mensageiros, cuja fotografia aqui vai.

As 15 horas, numa sala do Colégio, reuniram-se os Secretários Paroquiais para rever o passado e definir linhas de acção apostólica para o futuro.

O Presidente Nacional Major Francisco Neves, disse que o Movimento da Mensagem de Fátima tem uma missão a cumprir na Igreja consoante a vontade dos nossos Bispos, manifestada nos Estatutos e Regulamento do M.M.F. O assistente diocesano, deu algumas orientações muito práticas e respondeu às perguntas de alguns secretários paroquiais.

Terminámos com uma solene Adoração ao Santíssimo. Bem haja ao Secretariado Diocesano e a todos quantos colaboraram.

Referenciar tudo a Deus

Uma das maravilhas operadas na vida e no coração dos Pastorinhos foi a novidade espiritual das suas vidas depois das aparições, foi a capacidade de tudo referenciar a Deus, colocando-O no centro das suas vidas, dos seus corações, da sua existência. E um dos particulares desta referência foi, sem dúvida, a capacidade de se sacrificarem, de fazerem penitência, de tudo oferecerem como "sacrifício", como oblação ao Senhor. Passaram a ser, por fé e adesão interior, uma "oblação", uma "hóstia viva", para serem sacrifício perfeito e agradável ao Senhor. Sacrificar-se foi, doravante, um imperativo das suas vidas, uma contínua ansia dos seus corações. Como sacerdotes com Cristo, pelo dom da baptização, cada um de nós deve também assumir ser vítima com Ele, imolar-se com Ele, oferecer sacrifícios com Cristo, por Cristo e em Cristo. Colocados no altar, como a gota de água no vinho no momento do ofertório, a nossa vida torna-se redentora com Cristo. Os nossos sacrifícios oferecidos com Jesus Vítima, tornam a nossa vida uma verdadeira oblação.

a) É verdadeiramente espantosa a capacidade dos Pastorinhos, de fazerem sacrifícios. Procuram não perder nenhum ocasião, nenhum momento para se oferecerem e entregarem como vítimas. De tudo, desde as calúnias e humilhações, das desconfiças e provações, até aos sacrifícios físicos, corporais, como a doença, o passar sede, o não comer, etc. são actos oferecidos, por amor, a Deus para redenção do mundo, para a conversão dos pecadores. Impõem-se a si mesmos muitas penitências para melhor cumprir o pedido feito por Nossa Senhora. São, eles próprios, um sacrifício vivo, uma oferta permanente, mas feita na alegria e na paz, na consolação de colaborarem com Deus na obra redentora. Não perdem ocasião de fazerem oblação de si próprios e vivem essa oblação com um sentido grandioso de amor, de generosidade a toda a prova. Querem, com uma heróica invulgar "sacrificarem-se" para que os outros tenham vida, graça, paz, santidade, para que todos se salvem, par que Jesus seja consola-

do, reparado, amado, glorificado. As suas vidas tornam-se, por imperativo do amor que têm no coração, uma verdadeira oferta para que Deus seja amado, para que haja paz no mundo, para que os pecadores se convertam, para reparar os pecados contra a Eucaristia e contra o Imaculado Coração de Maria.

b) Num mundo onde impera o comodismo, o consumismo, a busca desenfreada do prazer e do bem estar, mesmo à custa de pisar os outros e fazer deles "criados", falar de sacrifícios, convidar a fazer sacrifícios parece uma loucura. No mundo de hoje, mundo do egoísmo desenfreado, do prazer pelo prazer, do desejo de gozar todas as coisas, da falta de pudor, de decência, no mundo da violência, do erótico, etc. é muito difícil fazer passar para as pessoas, o valor do sacrifício generoso e oferecido por amor. Há uma verdadeira "correria" para o prazer, o conforto, o gozo pelo gozo, o que apeetece, o que excita o apetite, mas é preciso lutar contra a corrente e levar as pessoas a perceberem o sentido cristão do sacrifício, da oblação oferecida por amor, da penitência que se torna libertadora e corredentora. Ser redentor com Cristo Redentor através da nossa oblação, é algo extraordinário e profundamente cristão. Não podemos nem devemos falar do sacrifício ou da penitência, exortar a fazê-los, sem tentar explicar o seu valor, o sentido evangélico da vida oferecida, a sentido cristão da nossa vocação de redentores com Cristo.

c) Deus como único, como Tudo, como referência primeira e absoluta, Deus como Amor que reclama o nosso amor, Deus como Pai que quer a nossa salvação, Deus como misericórdia que deseja a nossa conversão e a de todos os homens, Deus como Alguém que tem fome e sede do nosso amor e da nossa generosidade, é algo a ser dito e redito, rezado e contemplado, pregado oportuna e inopertunamente. Temos que ser caminho para ajudar os outros a irem a Deus, temos que ser luz que ilumina os caminhos da vida da família, da sociedade, temos que ser fermento redentor no meio da massa humana. Mas tudo isto só se consegue fazer com a nossa oblação em sacrifício, com os

nossos sacrifícios que dão graça, realizam renovação, que fazem frutificar em obra de amor e de salvação. São como a chuva que vai fertilizando a terra árida, como o adubo que vai ajudando a planta a criar uma vitalidade nova. Sem o sacrifício da cruz, renovado no altar em cada Eucaristia, não havia salvação e graça. Os nossos sacrifícios unidos ao de Jesus são colaboração eficaz para a vida da Igreja, para a conversão dos pecadores, para a salvação do mundo.

Para reflectir

Revendo a vida dos Pastorinhos temos que nos perguntar até que ponto já assumimos os sacrifícios da vida quotidiana como algo de "redentor":

- Sabemos oferecer tudo como oblação perfeita e agradável a Deus?

- Sabemos fazer sacrifícios e penitências dando-lhes o sentido evangélico proposto por Jesus?

- Assumimos dar a Deus a primazia da nossa vida, fazendo tudo para que a nossa existência seja só d'Ele e para sua glória?

- Aceitamos fazer algumas penitências, com amor e por amor, para ajudar os outros a abrirem-se à graça, à conversão, ao dom da reconciliação e da misericórdia?

- Percebemos que o sacrifício oferecido por amor é um imperativo da nossa vida cristã?

- Sabemos ser apóstolos, testemunhos vivos desta doutrina e desta vida em Deus?

- Sabemos sofrer no silêncio e na oferta generosa a nossa vida em sacrifício?

- Se Deus é o Tudo da nossa existência, percebemos que não Lhe podemos negar nada?

- Percebemos que na lógica do amor evangélico, quem não deu tudo, ainda não deu nada?

- Entendemos e pomos na prática da vida, o holocausto do quotidiano, o "martírio branco" que somos convidados a viver?

P. Dário Pedrosa

Sector Juvenil

CASA DO JOVEM

No dia 13 de Outubro foram encerradas as actividades da Casa do Jovem, no Santuário de Fátima. Foi mais uma actividade plenamente vivida pelos jovens do Movimento da Mensagem de Fátima, durante o Verão do corrente ano.

Pudemos observar muita generosidade e muito espírito de serviço da parte dos jovens acolhedores du-

rante os cinco meses de Maio a Outubro e a presença de muitos outros que vieram, como peregrinos, ao Santuário, tanto jovens como adultos, tanto nacionais como estrangeiros e que aqui foram acolhidos.

Brevemente publicaremos relatório completo de todas as actividades da Casa do Jovem, durante este ano e alguns testemunhos deixados.

TESTEMUNHO DE DOIS JOVENS

Foi com muito entusiasmo que, no dia 26 de Agosto do ano 2001, nos deslocámos até Fátima. Íamos trabalhar na Casa do Jovem pela primeira vez, e, então, a ansia de lá chegar era bastante. Para trás, deixamos a família, os amigos, a TV,... enfim, tudo aquilo a que estávamos habituados. Na bagagem, levámos a nossa boa disposição e boa vontade, e, claro, bastantes saudades de tudo o que deixávamos.

Não é fácil para dois jovens deixar por uma semana a sua rotina em tempo de férias, para ir ter com nossa Senhora.

Ao princípio, pareceu mesmo bastante difícil, pois era nossa tarefa dar a conhecer toda a história das aparições de Nossa Senhora e a Mensagem que Ela nos veio trazer;

mas, depois, à medida que os dias iam passando, o grau de dificuldade foi diminuindo e achamos que cada um, à sua maneira, o tentou fazer da melhor forma.

Foi uma semana em que pudemos olhar para Fátima com outros olhos: estivemos mais perto da Mãe e tivemos mais tempo para pensar na sua Mensagem.

Demos bastante, mas pensamos que o mais importante foi aquilo que recebemos.

Poderíamos estar uma tarde inteira a relatar tudo, mas seria pouco para descrever quanto foi bom termos lá estado...

Irene Marques
e Pedro d'Almeida

(no jornal 'Oliveira do Conde')

Vamos ter nova moeda

A partir de Janeiro os pagamentos vão ser feitos em euros.

Pede-se o favor de fazerem os pagamentos em escudos até 15 de Dezembro deste ano, aos Secretariados Diocesanos, para que estes possam até ao dia 28 de Dezembro entregar ao Secretariado Nacional a respectiva percentagem em escudos.

A partir de Janeiro, a quota dos associados com jornal é de 2,40 euros e sem jornal 1,20 ao ano. Informamos que o governo retirou o porte pago. Por isso estamos a pagar por ano mais de 4.000.000\$00 aos Correios. Não se trata de um negócio mas dum acto apostólico, uma vez que a quota se

destina às despesas com o jornal Voz da Fátima, difusão da Mensagem e estipêndio de 900 Missas que todos os anos são celebradas pelos associados vivos e falecidos. O bom seria que a quota fosse fruto de renúncias ao longo do ano ao jeito dos três Pastorinhos de Fátima.

Esclarecemos mais uma vez que não confundam o Movimento da Mensagem de Fátima com outro movimento da "Reconquista" de origem brasileira. O dinheiro que pedem não é para o Santuário de Fátima nem para o Movimento instituído pela Conferência Episcopal Portuguesa.

Diocese de Angra - Açores

Sendo a Diocese de Angra composta por nove ilhas, é sempre difícil o acesso. Só por barco ou por avião. Cada uma tem o seu aeroporto, o que facilita a deslocação, embora os custos da viagem e da estadia acarretem grandes despesas.

A fim de estruturar o Movimento da Mensagem, o Secretariado Diocesano iniciou idas às Ilhas para criar Delegações e Secretariados Paroquiais. Assim, em Abril e Setembro p.p., foram criadas na ilha de S. Miguel, duas Delegações na Zona de Ponta Delgada e Ribeira Grande, e nove Secretariados Paroquiais; na Ilha de S. Jorge, no início deste mês de Outubro, tam-

bém ficaram a funcionar, uma Delegação e oito Secretariados Paroquiais.

O Secretariado Diocesano pensa continuar neste novo ano apostólico 2001 - 2002.

Este Secretariado agradece aos Párocos e Leigos Responsáveis das Ilhas visitadas, pelo modo como acolheram e cooperaram.

Que a Virgem e os Bem Aventurados Francisco e Jacinta nos acompanhem neste apostolado, para que em todas as Ilhas dos Açores haja o Movimento da Mensagem de Fátima.

Outubro de 2001
Secretariado Diocesano do M. M. F.
Diocese de Angra - Açores

Diz o Professor P. Dr. Marto:

A meu ver, as aparições do Anjo e de Tuy são o pórtico de entrada e a chave da abóbada, à luz das quais deve ser enquadrada e perspectivada toda a Mensagem. É nelas, onde aparece vincadamente o mistério Eucarístico em íntima relação com o mistério Trinitário.

Congresso Internacional 9 a 12.10.98

MOVIMENTO EM NOTÍCIA

Não esqueçam...

Novembro:

UISEU

Dia 10 – Conselho Diocesano
11 – Retiro para os Mensageiros da Diocese

SANTUÁRIO DE FATIMA

Dias 16 a 18 – Retiro para os Mensageiros de Nossa Senhora de Fátima
17 – Conselho diocesano do M. M. F. da Arquidiocese de Braga
23 a 25 – Retiro para os doentes da Paróquia de Fátima

Dezembro:

Dia 1 – Dia de Deserto
8 – Imaculada Conceição. Agradeçam a Nossa Senhora a protecção que tem dado aos portugueses, particularmente as Suas aparições em Fátima.
15 – Conselho Diocesano da Diocese de Lamego
25 – Natal do Senhor Jesus. Recordem os pobres sem o necessário humano e espiritual. Não basta rezar. Os três Pastorinhos de Fátima até davam a sua merenda aos pobresinhos.

2002

Janeiro:

Dia 5 – Reunião da Comissão Coordenadora da Assistência de Peregrinos a Pé.
12 – Encontro interdiocesano no Seminário de Beja para os responsáveis dos três campos de pastoral – Oração, Doentes e Peregrinações e ainda para os responsáveis do grupo dos jovens das Dioceses de Beja, Évora, Setúbal e Algarve
19 – Dia de reflexão e programação para os responsáveis diocesanos e paroquiais da Diocese de Setúbal.
20 – Reunião do Secretariado Nacional.
26 – Encontro dos Responsáveis dos Postos que dão assistência aos peregrinos a pé. – Casa Nossa Senhora das Dores – Santuário de Fátima.

Nota: Pede-se com urgência a programação das Dioceses, para dar a notícia neste jornal.

SECTOR JUVENIL

Novembro:

Dia 18 – Reunião da Equipa Coordenadora

Dezembro:

Dias 15 e 16 – Reunião da Equipa Coordenadora
26 a 30 – Esquema 0.

Álvaizere – Coimbra

Reflexão e acção:

No dia 20-10-2001, reuniram mais uma vez os Mensageiros de Nossa Senhora de Fátima, da zona Pastoral de Álvaizere.

Após a exposição do tema: Mensagem de Fátima e presente momento histórico, pelo Assistente Nacional, falou o Presidente Nacional Major Francisco Neves convidando os Mensageiros a prosseguir com coragem e fidelidade no apostolado da Mensagem através dos Secretariados Paroquiais.

O Dr. Arlindo Gonçalves, presidente Diocesano do M.M.F. deu a co-

nhecer o plano de trabalho para o ano 2002 apelando para a formação e acção apostólica, nas paróquias.

Foram lidas e comentadas as conclusões do Conselho Nacional deste ano.

Após um belo almoço partilhado entre todos, terminámos com a Celebração da Eucaristia na Igreja Paroquial.

Bem haja a todos particularmente ao Senhor P.e Celestino Ferreira Brás, Arcipreste desta zona pastoral, que se dignou presidir a todos os trabalhos.

Unidos, vamos preparar o ano 2002.

Quando um dia pela manhã cheguei junto dela, perguntou-me:

Ó Lúcia, quantos sacrifícios ofereceste esta noite a Nosso Senhor? Três; levantei-me três vezes a rezar a oração do Anjo.

Pois eu ofereci-Lhe muitos, muitos; não sei quantos foram, porque tive muitas dores e não me queixei.

Memórias da Irmã Lúcia, 7ª edição – pag.116

Participantes nos retiros de doentes – 2001

Algarve	67
Angra	77
Aveiro	65
Beja	61
Braga	93
Coimbra	187
Évora	93
Fátima	50
Funchal	44
Guarda	87
Interdiocesano	81
Int. D. Raparigas	41
Int. D. Rapazes	30
Lamego	99
Leiria-Fátima	259
Lisboa	140
Miranda e Bragança	87
Portalegre e Cast. Branco	110
Porto	476
Santarém	97
Setúbal	177
Viana do Castelo	117
Vila Real	103
Viseu	90
Total	2731

Após esta caminhada apostólica de Março a Novembro, restamos agradecer à Santíssima Trindade Pai Filho e Espírito Santo em união com Nossa Senhora, as graças recebidas e o sacrifício de tantas pessoas pela ajuda que se dignaram dar.

Vamos interromper até Março a fim de estruturar melhor este serviço prestado a quem sofre e à Igreja em Portugal, uma vez que estes irmãos e irmãs ao saírem daqui vão mais conscientes que são uma parcela viva e operante na Comunidade onde vivem.

Agradecemos particularmente aos párocos e a todos os responsáveis do Movimento da Mensagem de Fátima, assim como à Associação dos Servitas. Pedimos aos responsáveis paroquiais que acompanhem as pessoas que participaram nestes retiros. Bem haja a todos.

Peregrinação diocesana em Braga, no Sameiro

«Rezai, rezai o terço para que haja paz em todo o mundo»: o apelo feito no dia 7 de Outubro no Sameiro, em Braga, a quando da sua peregrinação diocesana, é facilmente compreendido, se atendermos à situação mundial que se vive.

Quem ouviu o apelo, porém, já está familiarizado com ele, na medida em que assume este pedido feito na Cova da Iria, em 1917, pela Senhora do Rosário como uma das formas de fazer apostolado na Igreja e no Mundo. Foi, aliás, para renovar o empenho neste compromisso que centenas de associados do Movimento da Mensagem de Fátima (MMF) da diocese de Braga subiram, mais uma vez, ao santuário dedicado à Senhora do Sameiro.

Todavia, esta peregrinação diocesana, que se realiza todos os anos no domingo mais próximo à festa da Senhora do Rosário – este ano coincidiu com o dia da festividade, 7 de Outubro – começou como estava programado. A chuva que caiu no início da manhã obrigou os peregrinos a concentrarem-se na basílica do santuário, local onde decorreu a Via Sacra.

Na Missa, presidida pelo assistente-adjunto nacional, e concelebrada pelos padres José Alberto Fonseca e Manuel Pereira de Castro, respectivamente assisten-



te diocesano e assistente auxiliar do MMF, foram exortados os Mensageiros de Fátima a manter uma «fé viva, íntima, que faz sentir Deus» em cada um deles para, depois, irradiá-la aos outros e «em todos os ambientes».

O padre Benevenuto Morgado apontou como exemplo os beatos Francisco e Jacinta Marto, os «primeiros mensageiros de Fátima, que foram beatificados tão pequeninos porque foram grandes na fé», referiu na homilia aquele sacerdote, para quem «a grande crise do homem de hoje deve-se, sem dúvida, à falta de fé».

Terminada a Eucaristia, o pa-

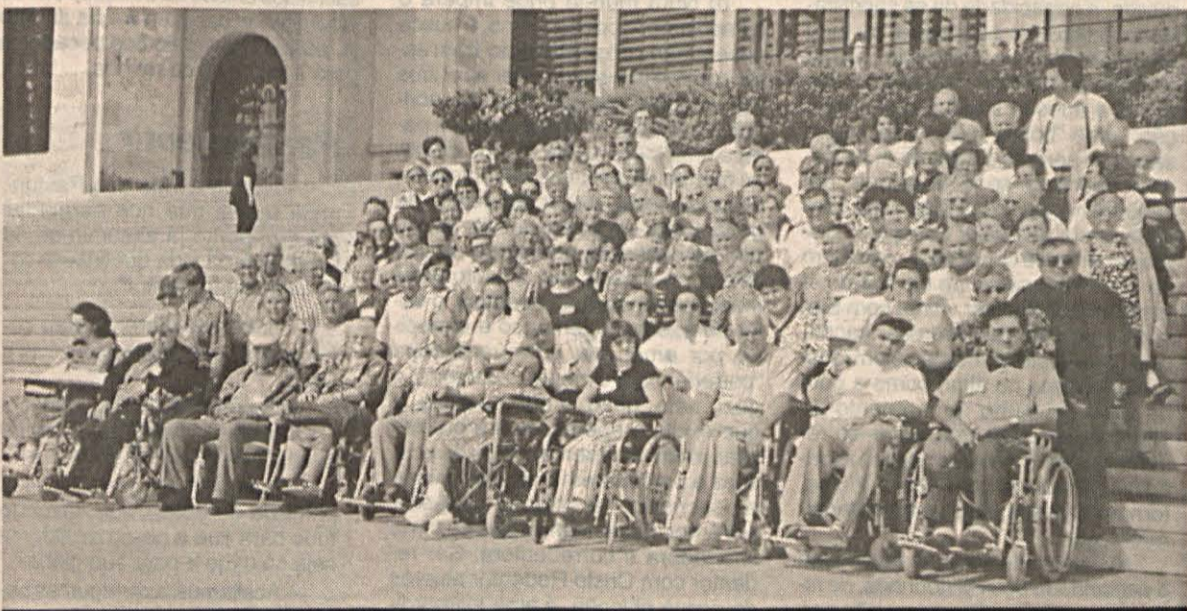
dre Benevenuto Morgado aproximou-se de três dezenas de doentes, para lhes dar a bênção do Santíssimo Sacramento. Estas pessoas enfermas estiveram reunidas desde a anterior sexta-feira num retiro que decorreu no Centro Apostólico do Sameiro, sob a orientação assistente-adjunto nacional do MMF.

À tarde, os associados concentraram-se novamente na cripta da basílica do Sameiro, para recitarem o terço e participarem na procissão eucarística.

(da notícia de Miguel Pereira publicada no Diário do Minho em 8 de Outubro de 2001)

RETIROS DE DOENTES

Uma aventura dum futuro mais sério



Chegámos ao fim de mais um ano de retiros para doentes e deficientes físicos. O que se passou de mais importante só o Senhor e Nossa Senhora poderão responder. Tivemos a graça de verificar como Deus é bom e se revela aos pequeninos e aos mais pobres de recursos humanos. Enquanto a saúde para muitos é desfeita em rasgos de loucura, para outros o sofrimento é tesouro com projecção de eternidade. Recordamos algumas frases que fomos ouvindo e nos impressionaram e edificaram.

—//—

“Sei que para o mundo nada valho, mas também sei que para Deus, sou um filho querido”.

—//—

Se para mim a saúde me seduziu e malbaratei, a doença aju-

dou-me a encontrar a luz perdida e a ser mais pessoa embora sofrendo.

—//—

Sou pai de quatro filhos. Vivo os meus dias sentado numa cadeira de rodas. Se me perguntam se sou feliz, respondo com muita sinceridade: – Sou. Nem sempre assim fui, porque houve tempo em que me afastei de Deus e dei mau exemplo aos meus filhos. Hoje sinto-me feliz porque já me reconciliei com a minha mulher a quem muitas vezes fiz chorar e com os meus filhos a quem pedi desculpa do mau testemunho que lhes dei. Tudo passou e agora somos felizes porque nos amamos de verdade. Aquele Deus a Quem tinha abandonado, agora é o meu Conforto e Esperança para todos.

—//—

Uma experiência que resultou: Sem grande interesse e empenhamento, um dia decidi aceitar o convite (que jamais esquecerei), de ir até Fátima passar uns dias. Foi a primeira vez que fui a Fátima. Ali descobri o que era e não era. Quando regresssei a minha casa, era outro. Tinha deixado o meu passado, recuperei o perdido e lancei-me na aventura de um futuro mais sério e coerente com a minha fé. Já lá vão 21 anos. Continuo a ser fiel aos compromissos que assumi. Bem haja a todos.

—//—

Depois da experiência que fiz num retiro de doentes, permitam-me que diga: Quem sofrer física ou moralmente, encontrará neste oásis a paz, a alegria de viver e o desejo de transmitir aos outros o dom da fé.